

## AS LEITORAS DE ROMANCES DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)

Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner<sup>1</sup>

O presente trabalho dedicou-se a investigação de práticas de leitura no Instituto de Educação “Carlos Gomes”, em Campinas, entre 1951 a 1976. Foram tomados como objeto de análise romances de uma coleção que integra o acervo histórico da biblioteca desta instituição atualmente denominada Escola Estadual “Carlos Gomes”. Chamada de Coleção Biblioteca das Moças, a Coleção foi publicada pela Companhia Editora Nacional<sup>2</sup> no período entre 1926 a 1960 e era destinada à leitura feminina com o propósito de disseminar normas sociais consideradas adequadas à formação da mulher. A pesquisa ancora-se em trabalhos da História da Educação, História Cultural da leitura e relaciona-se aos estudos de gênero. O desenvolvimento de rastreamento das marcas de leitura e registros de empréstimos deixados por suas leitoras seguiu a proposta do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) levando aos resultados da análise que indicaram o uso de estratégias (CERTEAU, 1996) utilizadas pelos editores com o objetivo de alcançar o público feminino, assim como pistas sobre táticas (CERTEAU, 1996) que as leitoras utilizavam durante a leitura destes romances.

Os vestígios localizados nos romances surgiram através das assinaturas, carimbos, referências aos locais de compra, anotações em suas margens – *marginálias* –, e, ainda, pelos objetos esquecidos entre suas páginas. Além destes indícios, os reforços dados em suas capas com fita adesiva demonstram o quanto foram manuseados; os registros nos cartões de empréstimos evidenciam que foram diversas vezes procurados oferecendo pistas sobre a presença de suas “possíveis leitoras”.

Seguindo as considerações tecidas por Chartier ao propor que as análises sobre a leitura necessitam contrapor práticas de ordenação de condutas, espaços e pensamentos às *táticas* de consumo desenvolvidas pelos indivíduos, acreditou-se que os caminhos percorridos pelas “possíveis leitoras” da Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes” possibilitaria a contraposição entre as *estratégias* da Companhia Editora Nacional e as *táticas* de que as “possíveis leitoras” lançaram mão, demonstrando que “longe de terem a absoluta eficácia aculturante que lhes é atribuída com frequência, esses dispositivos [...] deixam necessariamente o lugar, no momento em que são recebidos, à variação, ao desvio, à reinterpretação” (CHARTIER, 2002, p. 53).

Esta aparente contraposição tratada por Chartier (1990, p. 121), entre o “caráter todo-poderoso do texto” e a “liberdade primordial do leitor”, ficou demonstrada logo no início da investigação, quando os marcos temporais levantados por meio da pesquisa bibliográfica sobre a constituição da Coleção não correspondiam às datas registradas nos exemplares. Ao projetar uma pesquisa que considerava uma estratégia voltada inicialmente para moças, possivelmente normalistas, das décadas de 1920 e 1930 e encontrar exemplares publicados na década de 1950 com registros de empréstimos até a década de 1970, verificou-se que a “liberdade do leitor” se

---

<sup>1</sup> FE/Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [cassia.smk@hotmail.com](mailto:cassia.smk@hotmail.com).

<sup>2</sup> A Companhia Editora Nacional Monteiro iniciou seus trabalhos em 1917, com Edições da *Revista do Brasil*. Em 1919, foi fundada a Lobato e Cia., transformada em Monteiro Lobato e Cia., com a entrada de Octalles Marcondes Ferreira como sócio de Lobato, em 1920. A Monteiro Lobato e Cia. vai à falência em 1925, por não conseguir pagar as máquinas da gráfica recém-adquiridas, levando à falta de capital para o pagamento das dívidas e à falência da empresa. A partir da falida Monteiro Lobato e Cia., a Companhia Editora Nacional é montada por Lobato, Octalles Marcondes Ferreira e seus irmãos, em 1925. Retorna ao mercado editorial e figura entre as maiores editoras do país. Lobato permanece até 1929, momento em que vende suas ações, mas continua com poder de decisão dentro da Editora (TOLEDO, 2001).

aparecia à medida que a pesquisa avançava. Cabia, assim, interrogar os distintos usos feitos desses textos (CHARTIER, 1990, p. 122) ao logo desse período.

O modelo de análise proposto por Darnton (1992, p. 299), no qual recomenda uma estratégia dupla combinando análise textual e pesquisa empírica, possibilitou que a análise fosse além da materialidade do texto. Desse modo foi possível comparar os leitores implícitos do texto com os leitores reais, neste caso as “leitoras pretendidas” e as “leitoras rastreadas”. Ao considerar registros particulares de leitura fontes valiosas para a história da leitura, o autor acredita ser este um canal privilegiado de acesso às práticas de leitura do passado, apesar de geralmente serem raras e fragmentadas. Mesmo que não represente o todo, Darnton (1992, p. 224) ressalta que é possível “captar algo do que a leitura significava para poucas pessoas que delas deixaram registros”.

Para seguir no rastreamento das “possíveis leitoras” da Coleção foi desenvolvida a análise detalhada da materialidade de cada um dos exemplares. Nesse levantamento ficou estabelecido o pertencimento dos romances à biblioteca do Instituto por apresentarem o carimbo da instituição escolar ou de tombo, constituindo como já mencionado, a ancoragem ao período em que a instituição foi denominada Instituto de Educação. Desse modo, houve a presença predominante de marcas voltadas para a ordenação dos romances dentro da biblioteca mediante os carimbos da instituição, carimbo e número de tombo, e cartões com registro de empréstimos.

Analisar essas marcas permite inferir as relações que a “possível leitora” estabeleceu com o livro, sinalizando que realizou uma convivência mais aprofundada com o impresso (CUNHA, 2009). Entre as marcas as anotações marginais podem ser compreendidas como um dos gestos que conduz as práticas de leitura e de escrita e tornam-se um modo de localizar citações e exemplos que o leitor detém “como modelos estilísticos, dados factuais ou argumentos demonstrativos, que ele transfere do livro lido para seu caderno de lugares-comuns” (CHARTIER, 2002, p. 94).

Retomamos as ressalvas feitas por Ginzburg sobre trabalhos que se dedicam aos vestígios, indícios e pistas que “sobreviveram” ao descarte e à má-conservação ao longo do tempo, sendo preciso ter sempre presente que são trabalhos que lidam com possibilidades e não com verdades, e a análise empreendida dos dados e das fontes deve considerar a “distorção que lhes é inerente” (GINZBURG, 2011).

Após o levantamento dos empréstimos registrados, o primeiro empréstimo localizado estabeleceu uma nova data. Se os exemplares encontrados na biblioteca foram publicados entre 1954 e 1960, os registros de empréstimos surgem no ano 1957 e avançam até 1975. O último registro de empréstimo chama a atenção por trazer uma leitora da década de 1970 que lia romances de uma coleção considerada “literatura de água doce” na década de 1920. Esse dado despertou especial interesse por fazer reconsiderar o ato da leitura apenas como consumo, tornando-o um paradigma da *atividade tática*. Essa leitora da década de 1970, ao ler romances de uma coleção idealizada dentro de *estratégias* previstas para alcançar moças das décadas de 1920 e 1930, ao elaborar sua leitura, reelabora um novo texto indicando que “a leitura produz outros efeitos além dos de inculcação” (CERTEAU, 1996). O exercício de aproximação das práticas cotidianas, aqui desenvolvido a partir do movimento de empréstimos dos romances, reforça a ideia de que o leitor, neste caso a “possível leitora”, pode habitar um lugar de liberdade e criatividade através dessa caça furtiva que é a leitura.

Durante o levantamento das datas de empréstimos, surgiu a dúvida se estas seriam tão coincidentes por algo relacionado à organização da biblioteca, por exemplo, o sistema de registro de empréstimo em cartões poderia ter sido implantado em 1957. Contudo, após encontrar o exemplar do romance *Quem espera sempre alcança*, foi verificado que seu primeiro empréstimo datava de 10/4/1955, demonstrando que havia, então, registro dos empréstimos

antes dos primeiros localizados nos exemplares da Coleção. Outras tantas questões foram resolvidas ao longo da investigação tomando por base os vestígios que eram levantados, às vezes arduamente caçados, outras vezes surgindo pela eventualidade.

Um desapontamento ocorrido logo no início da pesquisa foi a impossibilidade em dar nome e rosto à “possível leitora” a partir do número de usuário. Apesar de despertar questões profícuas para a pesquisa, a aluna nº. 540 permaneceu como um número de usuário, aluna do 1º. Colegial C, do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Ao considerar os romances que emprestou, essa aluna não demonstra preferência por um autor, fez empréstimo de três autores diferentes, esteve matriculada em 1970 e 1971, e possivelmente concluiu o colegial em 1972. A informação dada à bibliotecária sobre a perda do livro lhe atribuiu uma atitude descuidada com os livros emprestados. Além disso, dentro do movimento geral de empréstimos da Coleção, a aluna nº. 540 pode ser considerada uma leitora eventual.

As tentativas de avançar além desses dados tropeçavam na impossibilidade de relacionar o número de usuário aos prontuários de alunos matriculados nesse período de 1957 a 1975. Não foram localizados registros que estabelecessem uma relação do número do cartão de empréstimo com os prontuários, números de matrícula ou listagem de nomes de alunos.

Em artigo intitulado *O mapeamento de uma biblioteca de formação de professores*, a professora Dra. Maria Cristina Menezes analisa os relatórios da bibliotecária em exercício nesse período considerando as informações sobre o “funcionamento da biblioteca, número de consulentes e consultas por área de conhecimento, o movimento das classes quanto a essas consultas, o aumento no número de obras e a proporção das mesmas quanto às áreas” (2011, p. 1). As informações constantes no artigo indicam a autonomia que a biblioteca possuía, possibilitando uma organização que não necessariamente estava ligada à organização administrativa da escola. A partir das informações abordadas neste artigo é possível inferir que a biblioteca possuía uma organização própria. Desse modo, a tentativa em estabelecer uma relação do cadastro de usuários da biblioteca com a organização de documentos de alunos da parte administrativa da escola demonstrou ser pouco factível.

Diante dessa dificuldade, optou-se por trabalhar apenas com os dados levantados a partir dos exemplares encontrados na Coleção Biblioteca das Moças. Inicialmente foi feito um investimento de ordem quantitativa por meio da construção de tabelas e gráficos com informações levantadas. Esses levantamentos contribuíram para a análise da Coleção a partir de dentro da biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, numa tentativa de rastrear a “possível leitora”.

Analisar o movimento de empréstimos dos romances possibilitou esboçar um perfil dos usuários que faziam os empréstimos desses romances classificando-os como: “ocasionais”, aqueles que fizeram apenas 1 empréstimo, totalizando 143 casos; “eventuais”, aqueles que emprestaram de 2 a 5 livros, num total de 163 usuários; “constantes”, considerados usuários com empréstimos entre 6 e 13 romances; e foi localizado um usuário classificado como “assíduo, por ter emprestado 21 romances. Os dados evidenciaram um total de 361 usuários e aproximadamente 1.153 empréstimos ocorridos no período registrado nos cartões.

O levantamento e análise dos dados gerou um grande volume de informações, que pouco esclareciam e pareciam um bloco uniforme de dados. Aos poucos, desvios foram localizados, entre estes, a recorrência de empréstimos dos mesmos romances. Então iniciou-se a investigação dos motivos que levaram a essa preferência. Dentro do movimento de empréstimos ao longo dos anos pesquisados, interessou saber em que medida os livros emprestados eram retirados da biblioteca ou lidos na sala de leitura<sup>3</sup>. Para esse levantamento foram considerados

<sup>3</sup> A opção por utilizar o termo “sala de leitura” partiu da entrevista com as ex-alunas, que mencionam a sala de leitura durante seus relatos sobre a biblioteca.

como livros lidos na sala de leitura aqueles que, no cartão de empréstimo, constam registrados com o mesmo dia de retirada e devolução do exemplar.

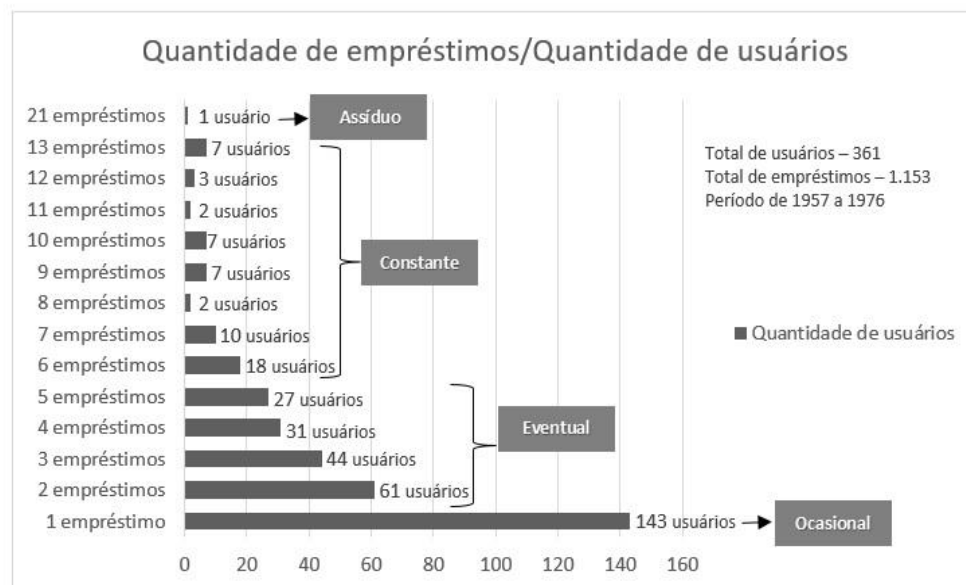


Gráfico 1 – Levantamento do perfil do usuário/empréstimos.

Cabe lembrar, no entanto, que o empréstimo não está diretamente ligado à leitura. A retirada do romance da prateleira ou o ato de levá-lo consigo não garante necessariamente que foi lido. Pode ocorrer o empréstimo do romance para outra pessoa, no período de um mesmo empréstimo o livro ser lido por mais de uma pessoa ou ficar esquecido entre os materiais escolares e voltar à prateleira sem sequer ser folheado, entre outras possibilidades. Todas essas questões pertencem ao “paraíso perdido” das práticas da leitura (CERTEAU, 1996, p. 270). Resta ao pesquisador insistir naquilo que não foi perdido, retomar os dados numa “leitura às avessas”, afastar-se e “contemplar a realidade de um ponto de vista insólito” e tentar escapar da cristalização e automatismos que foram surgindo ao longo da pesquisa.

## Referências

- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 1: Artes de fazer.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).
- \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- CUNHA, M. T. S. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. ed. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 199-236.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogerio Forastieri (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. v. 1.

MENEZES, M. C. O mapeamento de uma biblioteca de formação de professores. In: **Anais - VI Congresso Brasileiro de História da Educação, SBHE/UFES, 2011, Vitória/ES. VI Congresso Brasileiro de História da Educação, SBHE/UFES, 2011.** p. 1-13.